

# Quando escavar é contar histórias. Na arqueologia de Pedro Correia Silva, o passado ganha vida

**LIVRO** O arqueólogo Pedro Correia Silva escava muito mais do que traços do passado — reabilita vidas, quotidianos e memórias esquecidas. Fá-lo também no seu livro que intitulou *Escavar o Passado*. Propõe que a arqueologia é uma forma de (re)pensar o humano.

TEXTO JORGE ANDRADE

**E**m setembro de 1991, o gelo dos Alpes de Ötztal, no oeste da Áustria, cedeu para revelar um corpo — inicialmente considerado uma vítima recente do frio. Os factos apontaram num outro sentido. O que os montanhistas alemães Helmut e Erika Simon encontraram foi o cadáver de um indivíduo falecido há 5300 anos — Ötzi, como mais tarde foi chamado, o Homem do Gelo. Não sucumbira à força da montanha, mas a outros homens: trazia uma flecha cravada na omoplata e um golpe na cabeça. A análise do conteúdo do estômago revelou restos de trigo espelta, carne seca de cabra-íbe e de veado. Ötzi envergava pele de cabra e ovelha, calçava sapatos com detalhes em pele de auroque, cobria a cabeça com um chapéu urdido com a pelagem de urso-pardo, e levava consigo uma adaga de sílex, um arco e flechas, e um machado de cobre. Esta última peça revelou-se, pois obrigou os arqueólogos a reverem as datas do Calcolítico naquela região. O cobre provinha da Toscana — indício de rotas comerciais já ativas entre os Alpes e a Península Itálica há cinco milénios.

A história de Ötzi, narrada a abrir o livro *Escavar o Passado*, uma edição Gradiva, não é uma exceção no contexto da obra. É um manifesto. “Sem a Arqueologia, saberíamos muito menos so-

bre este homem e sobre a época que o viu nascer e morrer”, escreve o arqueólogo e docente Pedro Correia Silva no livro que assina. É a sua forma de dizer: escavar não é encontrar coisas, é tentar compreender pessoas. É essa arqueologia — metódica, humana, crítica — que o autor apresenta tanto no livro como na conversa que mantivemos. “A Arqueologia não é um catálogo de objetos — é uma maneira de pensar o humano a partir do que ficou”, sublinha.

Antes de a arqueologia ocupar os dias de Pedro, outra ciência iluminou-lhe o interesse. “Comecei pela astronomia. Cresci no Alentejo, num recanto isolado do concelho de Odemira e sem poluição luminosa, a olhar para o céu e a fazer perguntas. Fascinava-me a ideia de infinito e lia Carl Sagan e o seu *Cosmos*, entre ou-

tros”. Esse fascínio duraria até à adolescência: “No sétimo ano tive um professor de Físico-Química que me marcou e cheguei a pensar em seguir astronomia, mas fui percebendo que, por baixo desse fascínio, estava sempre um outro, a história.”

Seguiu então o percurso académico. “Em 2010 entrei em Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; depois o mestrado, com uma dissertação sobre necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo”. Mas cedo percebeu que o ofício não se fazia só de arquivos: “A vida levou-me para a prática. Fiz um estágio na Rota Vicentina. No final do estágio, regresssei à minha área. Trabalhei em empresas de arqueologia, acompanhamentos de obra, sondagens, até uma dragagem na Barrinha de Mira”.

Ao trabalhar no terreno, uma inquietação foi crescendo em Pedro Silva: como comunicar a arqueologia para além dos círculos académicos? “Comecei a organizar ideias sobre arqueologia, lia sobre a área e pensava no que podia oferecer às pessoas de forma que ficassem mais inteiradas. Ou seja, falar sobre arqueologia para a população em geral”. Mas depարou-se com um problema: “Que livros encontrávamos em português recomendáveis para o leigo? Nos livros, eventualmente,

o *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*, de Nuno Ferreira Bicho. No entanto, continua a ser uma obra muito densa. Ainda em português, existem alguns livros de divulgação da arqueologia, mas estão esgotados”.

Foi daí que nasceu o primeiro livro com autoria de Pedro Silva. “Esta obra ocupou-me ao longo de vários anos, entre a escrita, a revisão científica. Agora, também me dedico ao ensino da História. Em paralelo, criei em coautoria com um colega arqueólogo, o Fábio Silva, a página no Instagram *Ecos do Passado*”.

## Camadas, contextos e conflitos: o que a terra nos ensina

Impõe-se a pergunta anterior a todas as outras: O que é a Arqueologia? “Pode ter muitos atributos, mas a resposta mais direta é o estudo do ser humano através das materialidades que deixou. O nosso objeto de estudo é a cultura material — pedras talhadas, cerâmicas, metais, restos orgânicos, estruturas — e o objetivo é reconstruir maneiras de viver e pensar”. E o contexto é essencial. “Um objeto fora do seu contexto perde grande parte do significado. Gosto de usar a imagem do quarto: não olhamos só para a cadeira, olhamos para a sua posição, a relação com a mesa, as marcas no chão, o pó.”



No livro, a metáfora do quarto transforma-se em método: a escavação é como folhear um livro em que cada página (camada) que se remove é destruída para sempre. Por isso, escavar é uma responsabilidade ética. Pedro Correia Silva recorda: “Mortimer Wheeler dizia que não há uma maneira certa de escavar, mas há muitas erradas.” E acrescenta:



Pedro Correia Silva  
Arqueólogo





“Seria como um historiador rasgar as páginas dos livros que lê”.

A arqueologia moderna, como sublinha, não tem um único fundador: “É uma construção coletiva e em diferentes latitudes”. Um dos primeiros gestos com método veio de Thomas Jefferson, “que no século XVIII escavou uma mamoa na sua propriedade na Virgínia e, em vez de ‘procurar tesou-

ros’, observou as camadas, registou materiais e tirou conclusões prudentes”. Depois, “o alemão Johann Joachim Winckelmann, vindo da história da arte, descreveu o mundo clássico com enorme rigor estilístico e cronológico; não era arqueólogo de campo, mas abriu caminho para olhar as peças no seu tempo e estilo”.

No século XIX, Christian Jür-

gensen Thomsen introduziu a divisão em Três Idades – Pedra, Bronze e Ferro — ao organizar as coleções do Museu Nacional da Dinamarca, “percebendo que temos de estudar as sepulturas, que são contextos fechados, compreender os materiais aí encontrados e criar as tipologias que permitem gerar as cronologias”. Já no século XX, Wheeler trouxe o método em quadrícula. E nas teorias, “o grande abalo na arqueologia prende-se ao processualismo de Lewis Binford, que procura explicações gerais, quase ‘leis’.” A reação veio com Ian Hodder, que recentra o foco nos significados, rituais, mitose subjetividades”. E, entre ambos, Pedro destaca Vere Gordon Childe, que “escreveu de forma luminosa sobre revoluções tecnológica e social, ligando objetos a transformações amplas.”

#### Tecnologia, política e o futuro de escavar o passado

E em Portugal? “Temos muitos nomes incontornáveis”, responde. “Frei Manuel do Cenáculo destacou-se como pioneiro no estudo da escrita do Sudoeste. Leite Vasconcellos e Carlos Ribeiro foram pioneiros e mesmo quando algumas propostas foram depois revistas, abriram caminhos e debates. Também destacaria Nery Delgado e Estácio da Veiga. Mais próximo no tempo, Jorge de Alarcão estruturou linhas de investigação fundamentais e formou gerações. Luís Raposo contribuiu para a valorização do património e da museologia. Carlos Fabião e Ana Margarida Arruda aprofundaram a época romana e os contactos mediterrânicos. Na pré-história, João Zilhão destacou-se pelo estudo do Menino do Lapedo, caso crucial para pensar as relações entre *Homo sapiens* e neandertais. Poderia alongar a lista, mas o essencial é isto: há uma comunidade sólida e plural, do terreno ao laboratório e aos museus”.

O livro dedica um capítulo à pseudo-arqueologia — e a entrevista aprofunda essa preocupação, nomeadamente no que respeita aos anos mais recentes. “Infelizmente, sim. Narrativas como as de Erich von Däniken continuam populares porque oferecem respostas simples para problemas complexos e porque a lógica da conspiração é sedutora: ‘se todos dizem A, deve haver um B oculto’”. Há um paralelo direto com as *fake news*. “Por exemplo,



#### ESCAVAR O PASSADO

Pedro Correia Silva

Gradiva

264 páginas

muitos documentários reforçam a ideia de que ‘não há explicação’, quando muitas vezes há estudos publicados há décadas. A arqueologia científica obriga a conviver com o inacabado, com o fragmentário e nem todos aceitam estas explicações prosaicas”. E deixa uma proposta: “O antídoto é trabalho de formiga: mostrar como sabemos o que sabemos, abrir escavações ao público, explicar contextos, publicar com linguagem acessível”.

Mas nem só a pseudociência ameaça a arqueologia — também o poder político a tem instrumentalizado de acordo com o autor. “Há sempre risco quando a ideologia vem antes dos dados. Forjam-se factos para encaixar na teoria”. Pedro Silva lembra como “no nazismo, Heinrich Himmler instrumentalizou trabalhos arqueológicos e o linguista-arqueólogo Gustaf Kossinna foi apropriado para legitimar a fantasia da ‘raça ariana’”. Em Itália, “Mussolini usou Roma Antiga como espelho político e, em intervenções apressadas, sacrificou camadas mais recentes que também eram património”. E em Portugal? “Houve momentos de apropriação simbólica. A lição é simples: primeiro as perguntas, depois os dados, só no fim a narrativa. Quando se faz ao contrário, a arqueologia torna-se cenário”.

E no presente? “Em termos de legislação não está propriamente mal, mas tem de ser revista. Mas, uma coisa é o que está escrito, outra é a prática. Há mais trabalho do que havia e fala-se de cerca de três mil arqueólogos, o que mostra crescimento, mas também dispersão e alguma precariedade. Onde há acompanhamento obrigatório de obra, regra

geral, a legislação é cumprida. Noutros contextos pesam interesses económicos e perde-se património por incúria. Pode-se pagar uma multa, mas, entretanto, perdeu-se património. Quando não é possível conservar *in situ*, a lei prevê a preservação científica através do registo: desenhar, fotografar, recolher, estudar e publicar — para que o conhecimento não se perca”.

Apesar disso, há sinais positivos. “Em meio urbano há bons exemplos de integração de ruínas visitáveis sob piso de vidro; noutros, infelizmente, a memória fica por escrever. Falta planeamento de longo prazo, equipas estáveis e a ideia clara de que património não é obstáculo — é capital cultural”.

Sobre as descobertas que mais o entusiasmaram nos últimos anos, o arqueólogo destaca dois casos: “Lá fora, Pompeia surpreende ano após ano: cada escavação devolve fragmentos de vida. Em Portugal, destaco de novo o Menino do Lapedo pelo impacto que teve nas discussões sobre contacto e miscigenação entre *Homo sapiens* e neandertais”. Mas aponta também a pré-história como uma área subestimada: “sem arqueologia, esses milhões de anos seriam silêncio”. E a Suméria, “que a escavação devolveu ao mapa antes mesmo de muitos textos serem lidos — a arqueologia abriu a porta à própria história escrita”.

Quanto ao futuro, Pedro vê a tecnologia como aliada, mas não como substituto. “Dá uma ajuda, sem substituir o essencial. A escavação é sempre um ato destrutivo e, por isso, tudo o que permita conhecer sem escavar é bem-vindo.” Com drones, prospeção geofísica, IA e imagens de satélite, “pequenos padrões geométricos aparecem nas imagens e denunciam estruturas enterradas.” Mas remata: “No fim, continuamos a ler camadas e relações — a tecnologia acelera e afina, não pensa por nós.”

Pedro Correia Silva termina esta conversa com uma proposta ética e pedagógica. “Se o meu livro ajudar alguém a olhar de outra forma para uma pedra talhada, para um fragmento de cerâmica ou para um perfil estratigráfico, já valeu a pena. E se fizer com que um visitante entre num pequeno museu local e faça uma pergunta a mais, então ganhámos todos: a comunidade, a ciência e o património”.